

SIMONE NEIVA E ALEXANDRE EMERICK NEVES

Intervenções de Gordon Matta-Clark: questionamentos para arquitetura no diálogo com a arte

Gordon Matta-Clark's Interventions: questions posed for architecture in dialogue with art

Simone Neiva

Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Vila Velha. Doutora em Arquitetura e Urbanismo (USP). Possui Pós-doutorado em Arquitetura (Mackenzie). Mestre em Arquitetura (Universidade de Tóquio). Mestre em Artes (UFES). Especialista em História da Arte e História da Arquitetura (PUC/Rio). Graduada em Arquitetura e Urbanismo (UFES). Pesquisadora Fellow (Fundação Japão Tóquio). Consultora (ONU). Pesquisadora do Grupo Sistemas Contemporâneos de Projeto (SPC/UVV).

Professor in the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism at Universidade Vila Velha. DSc. in Architecture and Urbanism (USP). With a Post-Doctorate research in Architecture (Mackenzie), she holds the following degrees: Master's on Architecture (University of Tokyo); Master's on Arts (UFES); Specialist on Art History and History of Architecture (PUC / Rio); B.A. on Architecture and Urbanism (UFES). She has worked as a Fellow Researcher for The (Japan Tokyo Foundation; as a Consultant for The UN. Researcher currently associated with the Contemporary Design Systems Group (SPC / UVV).

simone.neiva@uvv.br / simoneiva@gmail.com

Alexandre Emerick Neves

Artista, professor e pesquisador, Alexandre Emerick Neves é Professor de História e Teoria da Arte da UFES. Foi Professor Visitante na University of California, tem Pós-Doutorado na University of California, é Doutor em Artes Visuais e Mestre em História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (EBA/UFRJ), e graduado em Pintura (EBA/UFRJ). Participa dos seguintes Grupos de Pesquisa do CNPq: 1-) Arte, Filosofia e Literatura na Idade Média; 2) LabArtes - Laboratório de Pesquisa em Teorias da Arte e Processos em Artes. Participou de exposições artísticas em instituições como Museu Nacional de Belas Artes, Museu de Arte Moderna de Resende e Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Artist, professor and researcher, Alexandre Emerick Neves is a Professor of History and Theory of Art at UFES. He was a Visiting Professor at the University of California, with a Post-Doctorate degree from the University of California, a DSc. in Visual Arts and a Master's degree in Art History from the Postgraduate Program in Visual Arts (EBA / UFRJ), and a B.A. in Painting (EBA / UFRJ). Currently he participates in the following CNPq Research Groups: 1-) Art, Philosophy and Literature in the Middle Ages; 2) LabArtes - Research Laboratory on Art Theories and Arts Processes. He has participated in artistic exhibitions at institutions such as the National Museum of Fine Arts, the Museum of Modern Art in Resende and the School of Visual Arts at Parque Lage.

alexandreemerick@gmail.com

Resumo

O artigo tem como objeto o diálogo da arquitetura com a arte nas intervenções do artista Gordon Matta-Clark. Como recorte, apresentamos o questionamento dos princípios arquitetônicos de funcionalidade, permanência, habitabilidade e estabilidade nas obras *Conical Intersect* (1975), *Office Baroque* (1977) e *Circus Caribbean Orange* (1978). O objetivo é verificar o alcance de tais questionamentos e suas ressonâncias no campo da arquitetura. Fazem parte de nosso referencial teórico os autores Rosalind Krauss (1979), Hal Foster (2011), David Moriente (2010) e outros. Nossa intenção é contribuir para a ampliação do repertório teórico e crítico arquitetônico sobre o diálogo entre arte e arquitetura. Ao final, apresentamos, como contribuição ao debate, a ideia de uma possível autorreflexão da arquitetura.

Palavras-chave: Arquitetura. Arte. Escultura. Diálogo. Gordon Matta-Clark.

Abstract

*The article has as its object the dialogue of architecture with art in the interventions of the artist Gordon Matta-Clark. We approach the questioning of the architectural principles of functionality, permanence, habitability and stability found in the works *Conical Intersect* (1975), *Office Baroque* (1977) and *Circus Caribbean Orange* (1978). The goal is to verify the scope of such questions and their resonances in the field of architecture. Our theoretical framework includes authors Rosalind Krauss (1979), Hal Foster (2011), David Moriente (2010) and others. Our intention is to contribute to the expansion of the theoretical and critical architectural repertoire about the dialogue between art and architecture. At the end, we present the idea of a possible self-reflection of architecture as a contribution to the debate.*

Keywords: Architecture. Art. Dialogue. Gordon Matta-Clark.

Introdução

Entre 1971 e 1978, o artista norte-americano Gordon Matta-Clark fez intervenções em edifícios abandonados ou destinados à demolição. A intenção era criticar os postulados da arquitetura e do urbanismo moderno e a lógica desagregadora do sistema capitalista. Para tanto, recortou paredes e pisos, subvertendo os sistemas referenciais construtivos. Ao abrir esses edifícios para a luz e o ar, o artista criou imensas esculturas a partir de uma inusitada série de relações espaciais que propuseram questionamentos da natureza da própria arquitetura.

O artigo analisa três das intervenções de Matta-Clark: **Conical Intersect** (1975), **Office Baroque** (1977) e **Circus Caribbean Orange** (1978). A intenção é compreender o modo como essas obras questionam princípios fundamentais da arquitetura, tais como funcionalidade, permanência, habitabilidade e estabilidade. A investigação justifica-se pelo fato de a arte e a arquitetura partilharem cada vez mais questões comuns, borrando as fronteiras tradicionais e estabelecendo possibilidades de reflexão renovada para ambas as áreas. O objetivo é verificar o alcance de tais questionamentos, suas ressonâncias nos campos da arte e da arquitetura e a possibilidade de autorreflexão da arquitetura. Como referencial teórico, utilizamos os autores Rosalind Krauss (1979), Hal Foster (2011), David Moriente (2010) e outros. A intenção é contribuir para a ampliação do repertório teórico e crítico arquitetônico sobre o diálogo entre as duas disciplinas – tema que vem sendo estudado por pesquisadores como Simões (2018), Tonetti (2013), Vidler (2013), Wisnik (2012), Foster (2011), Moriente (2010), Franjndlich (2009), Rendell (2006), Colombina (2006), Montaner (2002), Maderuelo (1990) e Krauss (1979).

Na primeira parte do texto, a obra de Matta-Clark é apresentada como “estrutura-axiomática” (arquitetura e não-arquitetura), categoria criada pela historiadora Rosalind Krauss (1979) para definir obras que pressupõem intervenções no espaço real da arquitetura e devem ser experimentadas integralmente pelo corpo. A segunda parte do artigo trata dos primeiros anos da produção de Matta-Clark, nos quais o artista demonstra interesse pelas relações entre corpo e espaço e pelo “inconsciente arquitetônico”,¹ conceito presente na obra de vários artistas a partir dos anos 1960. A terceira parte consiste da análise das obras **Conical Intersect** (1975), **Office Baroque** (1977) e **Circus Caribbean Orange** (1978). Ao final, apresentamos como contribuição ao debate a ideia da possível autorreflexão da arquitetura.

Gordon Matta-Clark na fronteira “arquitetura e não-arquitetura”

Em 1979, Rosalind Krauss publicou o texto *Escultura no campo ampliado*, na revista *October*². O ensaio indicava a necessidade de ampliação do discurso crítico da arte, que passava por profundas transformações, sendo levada ao questionamento de categorias tradicionais e a uma reconfiguração dos limites da escultura em direção a um campo partilhado entre a arte, a arquitetura e a paisagem. Para tanto, Krauss

1 Segundo David Moriente, o consciente arquitetônico é mencionado por Adam D. Weinberg, curador da exposição *The Architectural Unconscious*, ocorrida na Addison Gallery Phillips Academy em 2000 e pelo crítico Fernando Castro no artigo “Matta-Clark, retrato del artista demolidores”, *ABCD*, 9 de julho de 2006. In: MORIENTE, David. *Poéticas Arquitetônicas en el Arte Contemporáneo - 1970-2008*. Madrid: Arte Cátedra. 2010, p. 30-31

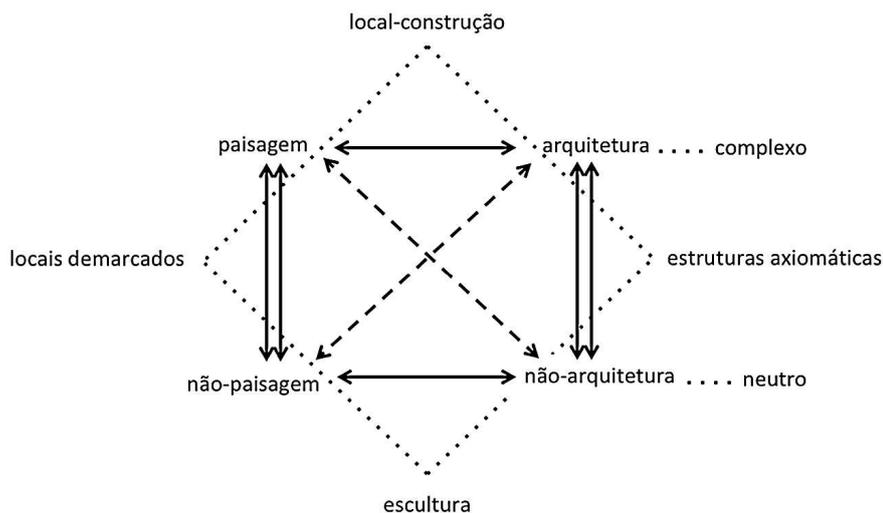
2 O título original do texto é *Sculpture in the Expanded Field*. Originalmente publicado no número 8 da revista *October*, na primavera de 1979 (31-44). Utilizamos a tradução publicada no número 1 da *Gávea*, revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, da PUC-Rio, em 1984 (p. 87-93).

utilizou a estrutura de um diagrama matemático para reposicionar a escultura e definir três novas categorias:

- “construções no site” (paisagem e arquitetura);
- “sites marcados” (paisagem e não-paisagem);
- “estrutura axiomática” (arquitetura e não-arquitetura).

FIGURA 1: Diagrama do Grupo Klein.

Fonte: Krauss, 1984, p. 134.



No esquema proposto (Figura 1), os termos opostos, paisagem e arquitetura, foram denominados de complexo. Obras situadas, ao mesmo tempo, como paisagem e arquitetura fariam parte desse campo, como, por exemplo, os labirintos, as trilhas e os jardins japoneses. Para pensar aquilo que Krauss denominou de complexo, a cultura moderna ocidental teria que “[...] admitir no campo da arte dois termos anteriormente a ele vetados: a paisagem e a arquitetura – termos estes que poderiam servir para definir o escultórico” (KRAUSS, 1979, p. 134). Admiti-los era necessário.

A categoria denominada estrutura axiomática (arquitetura e não-arquitetura) indicava que, no último século, a arquitetura havia penetrado profundamente a vida cotidiana, a arte e todo o âmbito cultural, fazendo com que a própria arquitetura se conformasse como matéria-prima fundamental para vários tipos de artistas. Inúmeros artistas poderiam ser reunidos sob um interesse comum no que concerne à pretensão construtiva.

A categoria estrutura axiomática pressupunha necessariamente a intervenção no espaço real da arquitetura e o corpo como veículo essencial à experimentação das obras. Independentemente do meio empregado, o que importa aqui é a experiência de um espaço dado, daquilo que caracteriza a arquitetura, sua espacialidade, suas aberturas e seus fechamentos. Poucas obras se inseririam com tanta propriedade nessa categoria quanto a obra de Gordon Matta-Clark.

Gordon Matta-Clark foi um artista norte-americano nascido em Nova Iorque em 22 de junho de 1943. Formou-se em arquitetura pela Cornell University (1963-1968). Em 1969, os encontros com artistas da Land Art o levaram definitivamente ao campo da arte. Assim como esses artistas, Matta-Clark rejeitaria a mercantilização da arte e optaria por fotografia, filme, vídeo, performance, desenho, colagem e escultura na forma de intervenção em edifícios. Uma parcela significativa da obra do artista surge exatamente a partir da transformação em escultura do artefato arquitetônico em si.

Intervenções de Gordon Matta-Clark: questionamentos para arquitetura no diálogo com a arte

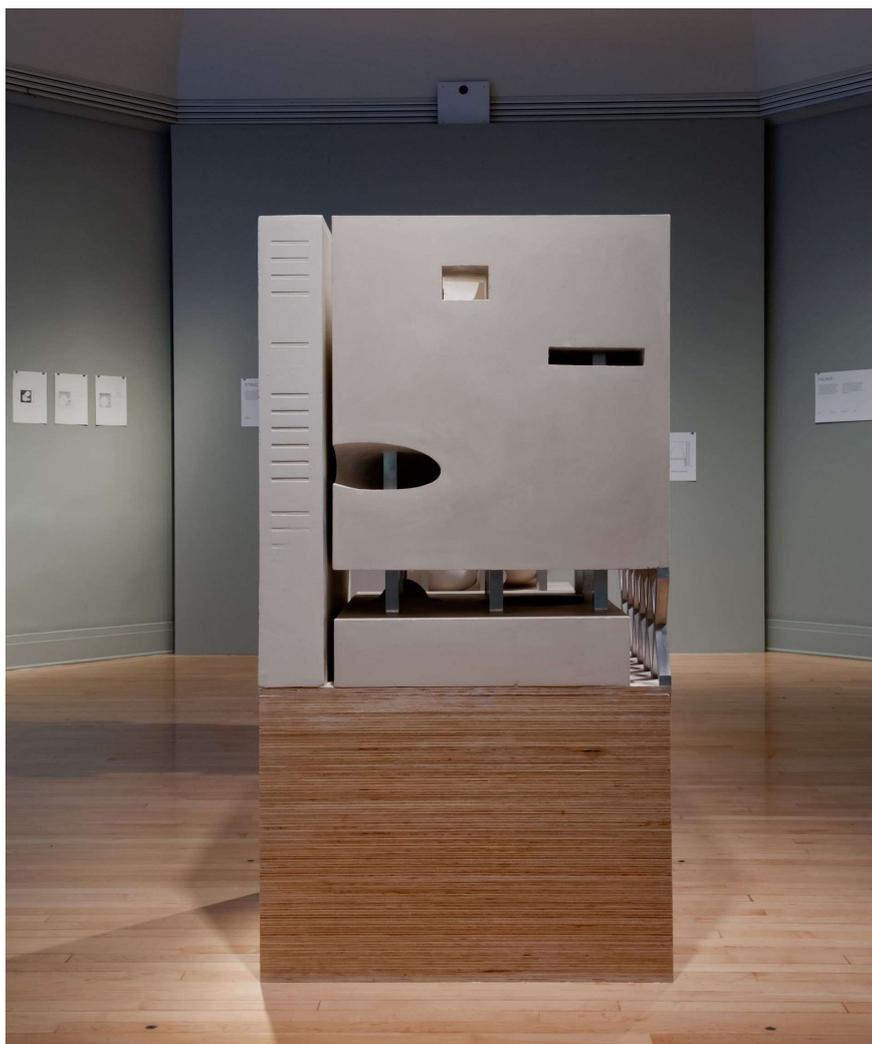
Gordon Matta-Clark's Interventions: questions posed for architecture in dialogue with art

Os site-specifics executados durante a década de 1970 são suas obras mais conhecidas. Tais trabalhos consistiam na inserção de cortes em edifícios abandonados, dos quais o artista removia partes do piso, do teto e das paredes dos andares. É sobretudo por meio desses procedimentos que Matta-Clark elimina alguns dos princípios fundamentais da arquitetura como funcionalidade, permanência, habitabilidade e estabilidade. Ao alterar esses princípios, o artista não somente transforma os edifícios em objeto artístico, mas consequentemente questiona a arquitetura quanto à sua própria natureza.

Certamente a importância de Matta-Clark não se resume à óbvia relação entre arte e arquitetura. Sua obra provocou uma renovação na arte a partir do uso de procedimentos construtivos arquitetônicos, ao projetar e executar artefatos de modo particular e inusitado. Foram muitos os artistas que herdaram suas concepções, procedimentos e imagens, entre eles Gregor Schneider, Isidoro Blasco, George Rousse, Carlos Bung e Pierre Huyghe (MORIENTE, 2010, p. 31). Do mesmo modo, no campo da arquitetura, a influência dos procedimentos de Matta-Clark pode ser observada na obra de arquitetos contemporâneos como Rem Koolhaas (Figura 2), Frank Ghery ou MVRDV (IGLESIAS, 2015, p. 31). Mas de que modo a obra do artista tem provocado a arquitetura? Esse é o ponto em que incide a nossa questão: de que modo a obra de Matta-Clark tem refletido sobre o campo da arquitetura? E ainda, haveria algo de positivo nesse encontro entre as duas disciplinas, considerando que a eliminação dos princípios arquitetônicos é tão evidente?

FIGURA 2: Rem Koolhaas.
Biblioteca Nacional de
Mitterrand (1989), Paris.

Fonte: <https://www.cca.qc.ca/en/events/3243/tres-grande-bibliotheque-very-big-library?lb_url=%2Fen%2Fflightbox%2Fmediacopy%2Fsummary%3Fmediacopy_url%3D%252Fapi%252Fmediacopy%252F13719>
Acesso em: 25 de dezembro de 2019.



Gordon Matta-Clark: a caminho da não-arquitetura

Ao final dos anos 1950 a maior interatividade dos artistas com o espaço físico da obra por meio da utilização do corpo passa a existir claramente nas obras de pintores como Jackson Pollock e Lucio Fontana, e nas instalações de Allan Kaprow. Na década seguinte, a consciência e a crescente importância dada ao corpo constituíram um dos temas essenciais da arte. A continuidade da exploração do corpo no espaço é perceptível em instalações, happenings e performances de diversos artistas.

Assim como na arte do pós-guerra, o universo da arquitetura propõe obras que insistem em uma maior reflexão sobre as relações entre o corpo e o espaço. Exemplos disso são as obras do arquiteto romeno Frederick Kiesler (1890-1965). Um dos idealizadores da galeria surrealista para a exposição **Art of this Century** (1942), promovida pelo Museu Guggenheim, Kiesler desenvolveu nos anos subsequentes propostas em maior sintonia com a corporalidade. No projeto **Endless House** (1947-1961) (Figura 3), o arquiteto adotou a forma de uma espiral de base orgânica que remete a imagens de nuvens suspensas no ar. Uma arquitetura sem paredes ou fundações convencionais. O projeto é o resultado da “busca de formas arquitetônicas onde o corpo humano fosse capaz de se inter-relacionar de maneira espiritual, física e social com o entorno” (MONTANER, 2002, p. 52). O processo utilizado por Kiesler tem a intenção de traduzir para a arquitetura e para seus elementos construtivos as preocupações com a acomodação do corpo. Nesse período:

No sentido contrário, e como se pode comprovar, o comportamento estético-espacial do sujeito começa a adquirir suma importância como se o entorno transmitisse uma série de emoções ou distúrbios que alterassem seus movimentos em direção a certo aspecto teatral ou, se preferirmos, performativo³ (MORIENTE, 2010, p. 26, tradução nossa).

FIGURA 3: Frederick Kiesler. Endless House (1947-1961), maquete exibida entre 1958-59 no MOMA.

Fonte: < <https://dprbcn.wordpress.com/2009/09/21/endless-house-frederick-kiesler/> >

Acesso em: 13 de agosto de 2019.



3 “En sentido contrario, y como se podrá comprobar, comienza a adquirir suma importancia el comportamiento estético-espacial del sujeto, como si la localización circundante transmitiese una serie de emociones o trastornos que alteran sus movimientos hacia un aspecto certamente teatral o, si se prefiere, performativo”. In: MORIENTE, David. Poéticas Arquitectónicas en el Arte Contemporáneo - 1970-2008. Madrid: Arte Cátedra. 2010, p. 26.

Dentro desse panorama espacial e sociocultural atuaram artistas como Vitor Acconci, Bruce Nauman, Dan Graham e, um pouco mais tarde, Gordon Matta-Clark. Artistas cujos interesses consistiam no comportamento do corpo sujeito às condições mediadas pelo espaço circundante. Os trabalhos desses artistas acontecem no momento da passagem da dimensão do corpo que confere significado ao espaço para o corpo que pode alterar a própria espacialidade construída. Nesse momento surge uma espécie de “inconsciente arquitetônico” que comunicaria a categoria do corpo com o espaço (MORIENTE, 2010 p. 30).

Conhecido sobretudo pelos trabalhos em locais específicos e pelos edifícios cortados, Gordon Matta-Clark tornou-se um dos artistas a trabalhar com maior intensidade o conceito de inconsciente arquitetônico. Suas obras revelam de maneira intensa, e quase psicanalítica, o “outro do espaço que habitamos” (MORIENTE, 2010, p. 31). Um espaço que comportaria em si um aspecto onírico ou virtual, e que contorna e traz vazios à consciência.

Embora a afinidade de Matta-Clark com a arquitetura pudesse ser justificada pela formação de arquiteto, ele não chegou a exercer a profissão. Iniciou a carreira de artista como auxiliar de Dennis Oppenheim na exposição *Earth Art* (1969). Na ocasião, conheceu vários artistas nova-iorquinos, entre eles Robert Smithson. A partir de então, Smithson passou a ser um mentor para Matta-Clark e sua obra *Partially buried woodshed* (1970) (Figura 4) tornou-se referência central. Constituída por uma cabana de madeira parcialmente enterrada até que a viga principal de sustentação da cobertura se rompesse, a obra é “uma nítida proposição de que a arquitetura é um sistema de ordenação que entra em falência diante da força entrópica da natureza” (WISNICK, 2012, p. 155-156). A ideia de falência da estrutura arquitetônica, denominada por Smithson de “*de-architeturization*” (FOSTER et alii, 2016, p. 584), foi mais tarde explorada por Matta-Clark não por meio da força natural, mas da ação humana. No caso do artista, por meio de cortes.

FIGURA 4: Robert Smithson. *Partially buried woodshed* (1970), Kent State University in Kent, Ohio.

Fonte: https://classconnection.s3.amazonaws.com/826/flashcards/997826/jpg/partially_buried_woodshed1364674166066.jpg

Acesso em: 14 de agosto de 2019.



O contato com os artistas da Land Art oferece a Matta-Clark princípios importantes, como o conceito de *site-specificity*. O espaço público e a arquitetura decadente das grandes metrópoles foram, daí em diante, sua matéria-prima. Conhecido sobretudo pelos trabalhos nos quais intervém em edifícios abandonados e condenados à demolição, Matta-Clark utilizou os cortes como “um dos conceitos operatórios que mais se refletem em suas obras” (CIDADE, 2010, p. 15). Dos edifícios, o artista removeu partes do piso, do teto e das paredes dos andares. Essa arquitetura vilipendiada ataca a arrogância da arquitetura que se supõe perene como construção e altamente eficiente em seu papel social. Assim, Matta-Clark critica o atual desenvolvimento urbano que esfacela a cidade e gera espaços abandonados, terrenos e edificações vazias. Por meio de cortes em construções o artista:

Revela o caráter efêmero, precário e ideológico da arquitetura como construção simbólica, atacando também o ciclo de produção e consumo da cidade: sua obsolescência programada, o descaso com os bairros suburbanos, e a compartimentação alienante dos espaços domésticos, normalmente ocultada pela uniformidade protetora das fachadas (WISNICK, 2012, p. 158).

Nos primeiros anos como artista, Matta-Clark não demonstra predileção por nenhum tipo de manifestação em particular (MORIENTE, 2010, p. 34). Executa desenhos (*Architectural addition to an ideal landscape*, 1970), *performances* (Clockshower, 1971), instalações (Garbagewall and Rosebush, 1970) e fotografias (Wall paper, 1972). Entretanto, nota-se em todas elas uma matriz arquitetônica expandida nos trabalhos denominados “anarquitectura”.⁴ Alguns desses trabalhos abarcam intervenções que rompem com os preceitos fundamentais da arquitetura convencional como a funcionalidade, a suposta permanência, a habitabilidade e a estabilidade. De outro modo, os novos espaços são experimentados a partir de um novo ponto de equilíbrio corporal, questão que trataremos a seguir, ao analisarmos as obras *Conical Intersect* (1975), *Office Baroque* (1977) e *Circus Caribbean Orange* (1978).

Da arquitetura à não-arquitetura: a eliminação das prerrogativas arquitetônicas por Gordon Matta-Clark

Alguns dos trabalhos conhecidos como “anarquitectura”⁵ variam em escala e localização. Eles apresentam desde cortes sob as portas dos cortiços abandonados no Bronx (*Bronx Floors: Thresholds*, 1973) (Figura 5), passando pelo corte vertical de uma casa suburbana de Nova Jersey (*Splitting*, 1974) (Figura 6), por *Days End* (1975), intervenção em um antigo armazém de um cais nova-iorquino (Figura 7) e chegando a trabalhos nos quais, além do aumento da escala, cresce a complexidade dos cortes. Foi em trabalhos como *Conical Intersect* (1975), *Office Baroque* (1977) e *Circus Caribbean Orange* (1978) que arte e arquitetura tornaram-se indissociáveis e pertencentes à categoria estrutura-axiomática (arquitetura e não-arquitetura) de modo inquestionável.

4 O termo, segundo o artista, não significava uma antiarquitetura, mas sim “tentativas de esclarecer ideias a respeito do espaço”. In: O'NEIL, Elena. *Ideias-em-forma: intervenções de Gordon Matta-Clark*. Colaborações. Disponível em: https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae17_Elena_O%E2%80%99Neil.pdf. Acesso em: 24 de dezembro de 2018.

5 “A exposição colaborativa conhecida como *Anarchitecture* (1974), revela algo desse contínuo combate de luta mental com o discurso arquitetônico e passa a ser uma palavra usada em muitos contextos com referência a Matta-Clark. Desde a sua morte, tornou-se intimamente associado com suas ideias mais amplas sobre arte e arquitetura”. In: ATTLÉE, James. *Towards Anarchitecture: Gordon Matta-Clark and Le Corbusier*. Disponível em: <http://www.tate.org.uk/research/publications/tate-papers/07/towards-anarchitecture-gordon-matta-clark-and-le-corbusier>. Acesso em: abril de 2018. Anarquitectura era um grupo colaborativo formado por Laurie Anderson, Tina Girouard, Suzanne Harris, Jene Highstein, Bernard Kirschenbaum e Richard Landry, e ocasionalmente, Jeffrey Lew ou Carol Goodden. In: MORIENTE, David. *Poéticas arquitetônicas en el arte contemporáneo 1970-2008*. Madrid: Catedra, 2010, p. 40

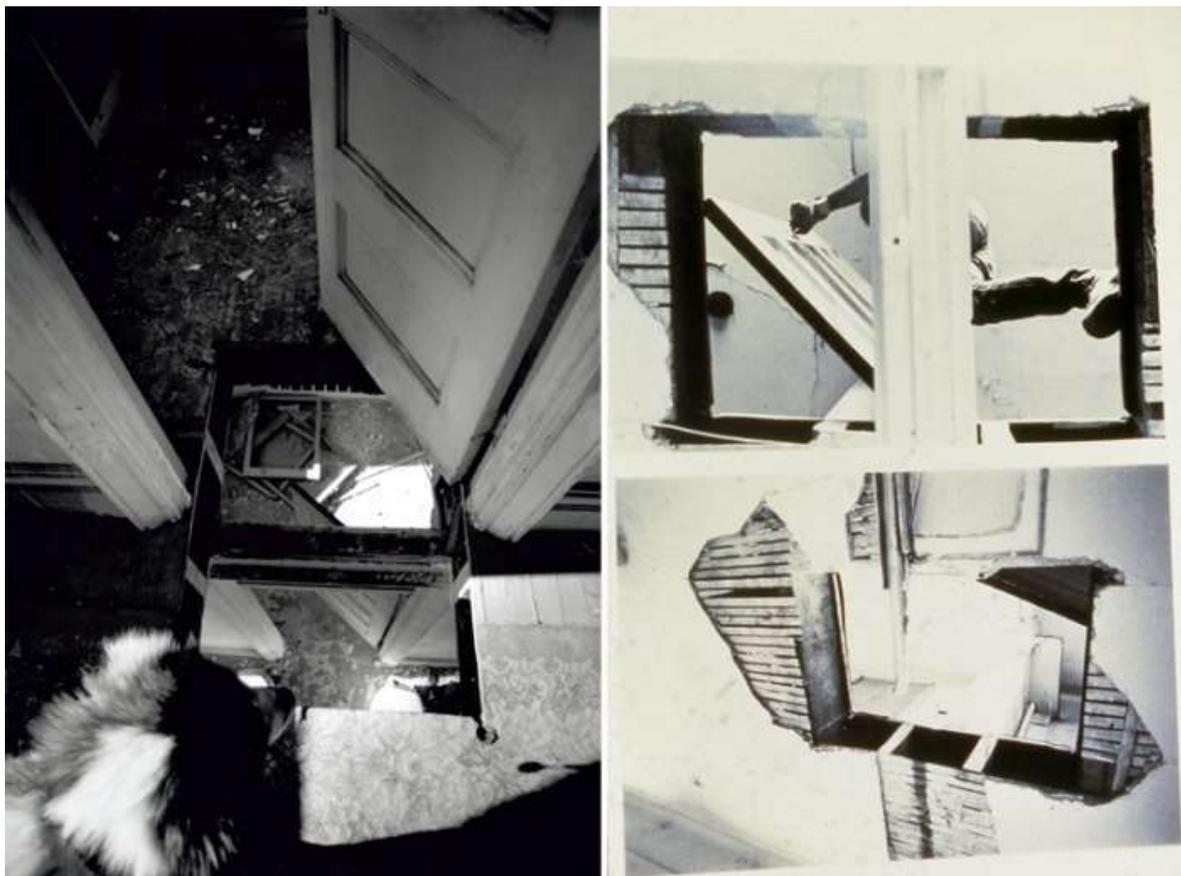


FIGURA 5: Gordon Matta-Clark. Bronx Floors: Thresholds (1972), Bronx, Nova York.

Fonte: <<http://www.tate.org.uk/research/publications/tate-papers/07/towards-anarchitecture-gordon-matta-clark-and-le-corbusier>>. Acesso em: 13 de agosto de 2019.

FIGURA 6: Gordon Matta-Clark. Splitting (1977), Nova Jersey.

Fonte: <https://www.bmiaa.com/wpcontent/uploads/2017/04/2cb15b5d9e0bf9c43420d440eaf6942.jpg>

Acesso em: 13 de agosto de 2019.



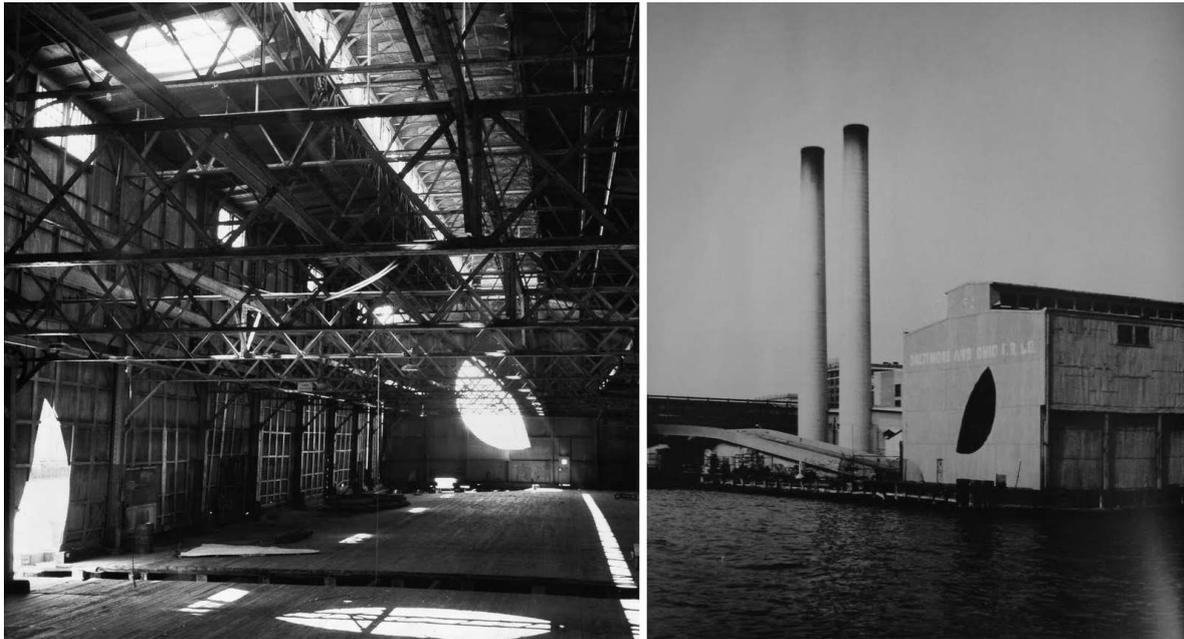


FIGURA 7: Gordon Matta-Clark. Day's End (1975), Nova York.

Fonte: <<http://sadlynogoodwillgesture.blogspot.com/2011/06/>> Acesso em: 13 de agosto de 2019.

Em *Conical Intersect* (1975), por exemplo, os cortes atravessam dois grandes edifícios adjacentes nos arredores de Paris. Nessa obra o nível de comprometimento estrutural fez com que praticamente a arquitetura deixasse de ser reconhecida como tal pela falta de estabilidade. Em *Office Baroque* (1977), a intervenção se dá em um edifício de cinco andares em Nova York. Em *Circus Caribbean Orange Circle* (1978), a complexidade de cortes nas estruturas e nas vedações de casas na cidade de Chicago levam o visitante a uma intensa vertigem, beirando a queda ao vivenciar a obra.

Contudo, se por um lado, essas três obras questionam alguns dos princípios fundamentais da arquitetura, como funcionalidade, permanência, habitabilidade e estabilidade, por outro, só puderam existir a partir da intervenção no espaço real da arquitetura e da alteração da experiência daquilo que também caracteriza a arquitetura – a espacialidade e a experimentação via corpo.

Conical Intersect (1975) e a desconstrução poética do lugar

Em *Conical Intersect* (1975), contribuição de Matta-Clark para a Bienal de Paris de 1975, o artista critica a gentrificação urbana sob a forma de uma intervenção radical que atravessa dois edifícios adjacentes do século XVII. Os edifícios, localizados nos arredores do Centro Georges Pompidou, haviam sido designados para demolição em razão da alta valorização imobiliária da região após a construção do Centro Cultural. A despeito da proximidade com as técnicas de demolição, as ações de Matta-Clark dão fôlego às edificações condenadas. As intervenções estéticas incidem incisivamente sobre sua presença no contexto urbano. Assim, trabalhar as relações estéticas significou também reorientar a funcionalidade e rever a permanência por meio da reedificação da habitabilidade perdida.

Em oposição à arquitetura monumental pós-moderna do Plateau Beaubourg, Matta-Clark cria um antimonumento. Essencialmente, o artista insere um furo em forma de tornado que, ao espiralar a 45 graus, sai pelo telhado (Figura 8). O vazio resultante oferece a visão da estrutura do edifício (Figura 9). As intervenções alteram consistentemente o que previamente haviam sido os espaços de tal arquitetura,

Intervenções de Gordon Matta-Clark: questionamentos para arquitetura no diálogo com a arte

Gordon Matta-Clark's Interventions: questions posed for architecture in dialogue with art

transformando-a em não-arquitetura. A intenção de Matta-Clark em *Conical Intersect* (1975) é “plasmar a geometria invisível no mundo físico” (MORIENTE, 2010, p. 49). Ou seja, a arquitetura é invadida por uma nova perspectiva tridimensional, por meio da introdução de formas cônicas vazias. Desse modo, Matta-Clark cria uma complexa percepção dos distintos níveis que vão sendo atravessados pelas novas linhas visuais, ou seja, pelas linhas diagonais que virtualmente perfuram os andares. Não se trata de desorientação, mas de reorientação, pois a intervenção na estrutura da arquitetura é também interferência na ordem espaço-temporal do lugar. Não é difícil assinalar alguma conformidade com os preceitos heideggerianos de habitar e construir, sobretudo se aceitarmos que “poeticamente o homem habita” (HEIDEGGER, 2012, passim), o que somente “acontece enquanto os poetas forem aqueles que tomam a medida para o arquetônico, para a harmonia construtiva do lugar” (HEIDEGGER, 2012, p. 178). Na convergência entre lugar de elaboração e de fruição da obra, das técnicas desconstrutivas e expositivas, observa-se em *Conical Intersect* (1975) certa ampliação da ideia de site-specificity, da relação da escultura com o lugar, pois Matta-Clark arquiteta poeticamente uma escultura-lugar, transformando o próprio lugar, antes habitado, em obra de arte.

FIGURA 8: Gordon Matta-Clark. *Conical Intersect* (1975), Paris.

Fonte: <<http://charlesbroskoski.com//view.php?id=gordon-matta-clark>>

Acesso em: 13 de agosto de 2019.

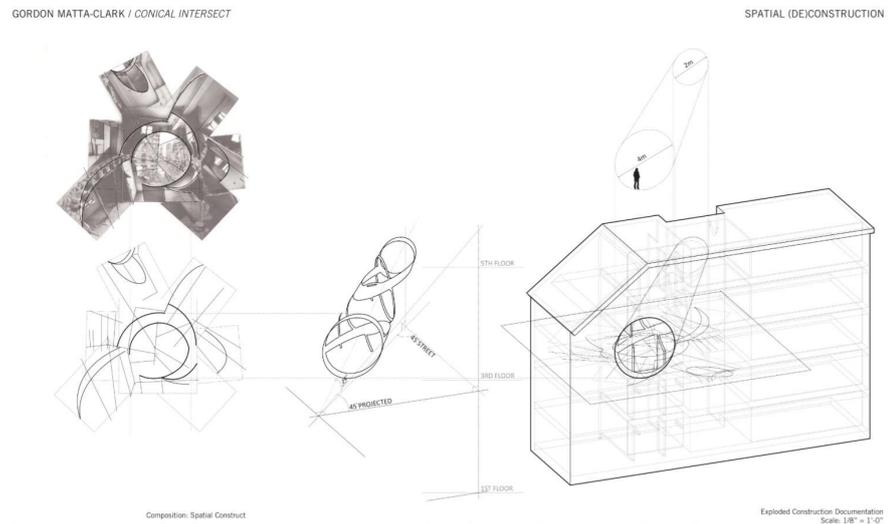
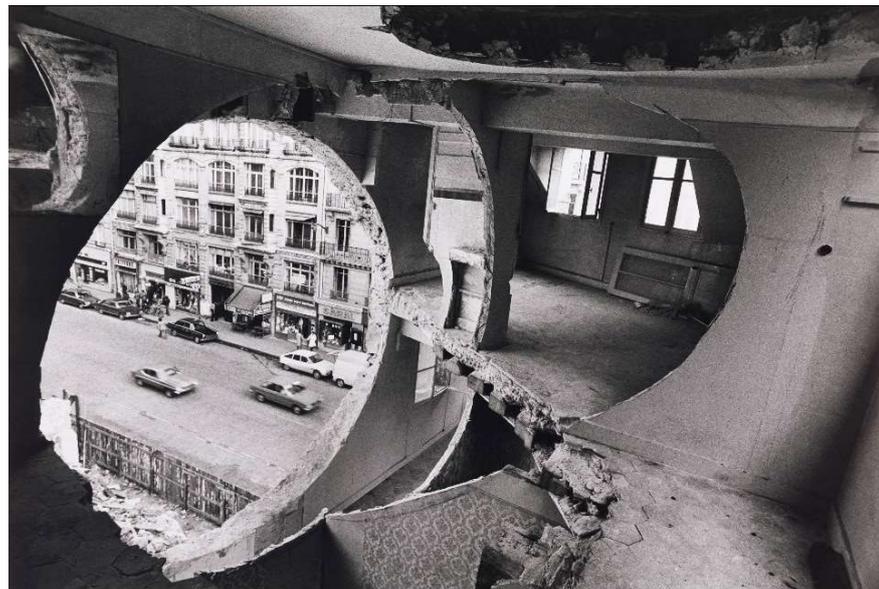


FIGURA 9: Gordon Matta-Clark. *Conical Intersect* (1975), Paris.

Fonte: <<https://www.sfmoma.org/artwork/92.426/>>

Acesso em: 13 de agosto de 2019.



Office Baroque (1977) e o extravasamento do olhar

Os cortes também estão presentes em *Office Baroque* (1977) (Figuras 10 e 11). Na obra, as aberturas atravessam cinco andares de um edifício de escritórios de uma antiga empresa da Antuérpia sediada em Nova York. A inspiração foram as sobreposição das marcas em forma de anéis deixadas pelas xícaras de chá sobrepostas em um papel (SPECTOR, 2017). Organizados em torno de dois semicírculos, os cortes vão se arqueando de piso a piso. Matta-Clark descreveu a peça como “uma caminhada através de um arabesco panorâmico” (SPECTOR, 2017). As aberturas no piso transformam os percursos planejados pela arquitetura em atividade de risco. Certa inquietação se impõe a atividades antes corriqueiras – atravessar uma sala – reorientando a relação dos corpos com a funcionalidade apriorística dos lugares. Trata-se principalmente de dramática resignificação do princípio de habitabilidade. O olhar não fica imune a esse impacto, ao contrário, é ele que induz o corpo ao extravasamento sucessivo dos andares, cujo percurso chega a propor-se vertiginosamente como queda. É também ele, o olhar, que seduz estranhamente o corpo a habitar simultaneamente as diferentes realidades espaço-temporais das câmaras, gesto negativo que institui certa indeterminação de suas especificidades. Diferentemente da claraboia, da parede de vidro ou mesmo do piso transparente, os quais conectam os espaços sem desorientar o corpo quanto ao lugar de observação, o vazamento dos planos estruturantes da arquitetura em *Office Baroque* (1977) denota certa agressividade do ato estético. Assim como nas imagens de martírios, nas quais é justamente a destruição do corpo que nos abre toda a sua economia (MONDZAIN, 2013, p. 241), os cortes de Matta-Clark impõem-se como ruptura, ferem o corpo da construção, fazendo convergir suas partes, superfícies e entranhas, e levando a intuir a possibilidade de experiência nos ambientes como realidade física única, portanto escultórica.

FIGURA 10: Gordon Matta-Clark. *Office Baroque* (1977), Nova York.

Fonte: http://s3.amazonaws.com/mhka_ensembles_production/assets_public/000/012/548/large/Matta-Clark_Gordon_403_27_foto_Florent_Bex.jpg?1348133168

Acesso em: 13 de agosto de 2019.



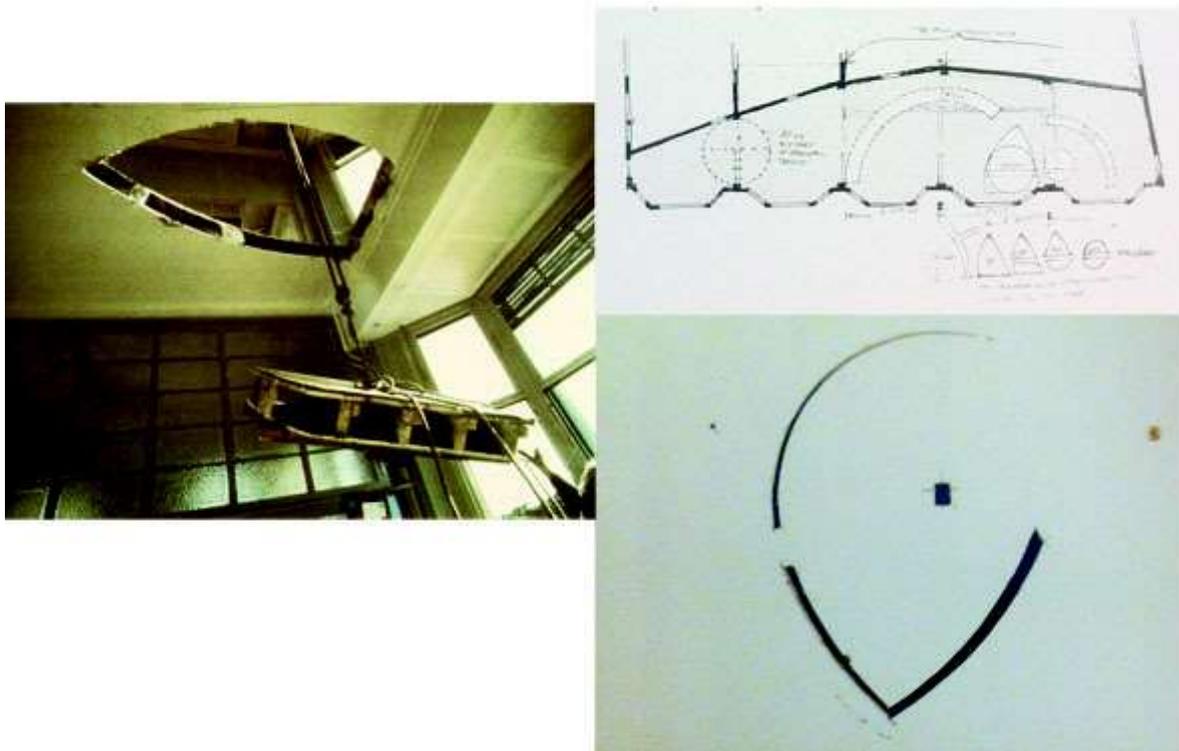


FIGURA 11: Gordon Matta-Clark. Office Baroque (1977), Nova York.

Fonte: <https://integrated4x.wordpress.com/author/karelvdh01/page/39/>. Acesso em: 13 de agosto de 2019.

Circus Caribbean Orange (1978) e o espaço vertiginoso

Para Yve Alain Bois (2016), é a partir de *Thresholds* (1973) que Matta-Clark encontra o meio pelo qual operará de maneira crescentemente complexa nos últimos cinco anos de vida, ou seja:

Em um edifício marcado para uma destruição iminente, que ele perfuraria aqui e ali, criando espaços negativos em sua massa concebida como matéria inerte, sem nenhuma consideração por sua estrutura construtiva e muito menos por sua distribuição funcional original (BOIS in: FOSTER et alii, 2016, p. 584).

Por meio dos cortes, Matta-Clark elimina a prerrogativa de todos os elementos arquitetônicos tradicionais como portas, pisos, janelas, vigas e vãos. Por meio deles, “as três dimensões espaciais não serão somente inscrições geométricas nos planos de projeção, mas sim a fusão das três esferas que se comportam fisicamente” (MORIENTE, 2010, p. 50) (Figura 12). É desse modo que, em *Circus Caribbean Orange* (1978), o espaço torna-se vertiginoso a ponto de não possibilitar diferenciação entre a seção vertical e o plano horizontal (Figura 13), comprometendo e reordenando simultaneamente duas referências cruciais para a arquitetura: a percepção e a habitabilidade. Os espaços criados só se fazem inteligíveis mediante o movimento dos corpos no interior. Em meio à vertigem, Matta-Clark propõe novos caminhos para a visão.

FIGURA 12: Gordon Matta-Clark. Circus Caribbean Orange (1978), Chicago.

Fonte: <https://br.pinterest.com//218143175678945221/?lp=true>

Acesso em: 13 de agosto de 2019.

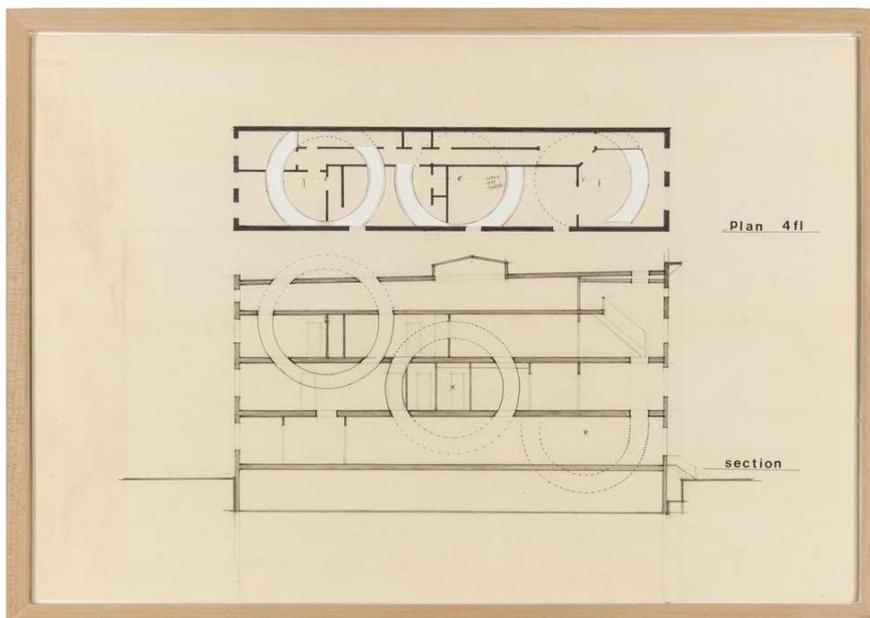


FIGURA 13: Gordon Matta-Clark. Circus Caribbean Orange (1978), Chicago.

Planta baixa e seção longitudinal.

Fonte: <<https://mcachicago.org/Collection/Items/1978/Gordon-Matta-Clark-Untitled-Elevation-Plan-For-Circus-Or-1978>>.

Acesso em: 13 de agosto de 2019.



Para James Attlee (2007), é justamente nos trabalhos de maior escala que surge o drama, uma expressão de hostilidade para com a arquitetura e a suposta rejeição da formação primeira como arquiteto. Contudo, é também nessas obras que o conhecimento e a destreza do artista em operar com os materiais da arquitetura como tijolos, argamassa, tábuas e o aço, assim como a sua capacidade de pensar estruturalmente o espaço, tornam-se mais presentes. Em obras como **Conical Intersect** (1975), **Office Baroque** (1977) e **Circus Caribbean Orange** (1978) os edifícios dissecados são habilmente convertidos em “uma espécie de esculturas de passeio que desafiam a gravidade e desorientam profundamente” (ATTLÉE, 2007, n.p). O processo desconstrutivo de Matta-Clark tensiona a estrutura sem lhe produzir a queda e desafia o princípio de estabilidade, suscitando um equilíbrio aparentemente

instável. As intervenções invertem a lógica construtiva de boa parte das esculturas da época, como nos empilhamentos de peças metálicas geométricas com os quais o escultor Richard Serra constrói uma espécie de arquitetura precária. A meio caminho dessas propostas, da arquitetura para a escultura e vice-versa, o corpo do espectador submete-se intensamente a uma vertiginosa tensão.

Considerações finais

Em 1979, Rosalind Krauss descreve, no artigo *Escultura no campo ampliado* (1979), a saída da escultura da lógica do monumento. Para a autora, a escultura havia deixado de ser algo positivo, passando a ser definida por “aquilo que não era”, espécie de combinação de exclusões que necessitava de um sistema de valores que a configurassem positivamente. No artigo, a escultura aparece reposicionada e definida por três novas categorias: construções no site (paisagem e arquitetura), sites marcados (paisagem e não-paisagem) e estrutura axiomática (arquitetura e não-arquitetura).

Na passagem para a categoria estrutura axiomática (arquitetura e não-arquitetura), a arquitetura necessitou abrir mão de alguns dos princípios fundamentais como funcionalidade, permanência, habitabilidade e estabilidade, para tornar-se arte. Nos trabalhos de intervenção arquitetônica do artista Gordon Matta-Clark, essa condição de abandono de princípios fundamentais é evidente.

Sobre a condição do corpo no espaço, vimos que, desde o final dos anos 1950, a importância atribuída ao corpo era um tema tratado pela arte em intervenções, happenings e performances. Nesse mesmo período, com Kiesler, a reflexão sobre as relações entre o corpo e o espaço também tem início na arquitetura. Havia na época uma espécie de inconsciente arquitetônico que levou os artistas a compreenderem que o corpo poderia alterar a espacialidade construída.

Utilizando o próprio corpo, somado a instrumentos de corte e demolição, Matta-Clark alterou o espaço arquitetônico. A partir da influência dos trabalhos da Land Art, sobretudo de Smithson, que o artista percebeu a arquitetura como sistema de ordenação espacial passível de falência. Matta-Clark foi, ele próprio, agente reestruturador desse sistema, recortando a arquitetura, oferecendo ao observador novos pontos de vista e a possibilidade de outro equilíbrio corporal.

A prática artística de Matta-Clark propõe ao corpo condição distinta daquela requerida pela arquitetura. Tradicionalmente, esta busca colocar o homem dentro do espaço e equilibrá-lo com a linha do horizonte. A vertigem observada em Matta-Clark não é própria da arquitetura convencional, que considera o corpo no espaço na relação entre arte e arquitetura como algo negativo. Contudo, propõe à arquitetura outros modos de fruição do espaço que modificam as bases da própria arquitetura.

Mas não só a relação com o corpo é alterada nas obras de Matta-Clark. Seus cortes eliminam todas as prerrogativas de elementos arquitetônicos mais básicos – portas, pisos, janelas, vãos, vigas e pilares –, tornando o espaço altamente vertiginoso, confundindo os planos verticais e horizontais. O preço a ser pago pela arquitetura agora é a eliminação da habitabilidade do espaço. Nele não se poderá mais viver, mas unicamente caminhar. A estrutura, preservada no limite, é transformada em “escultura de passeio”. Para tornar-se arte, a arquitetura é inutilizada. Pode haver ainda alguma positividade nesse caso?

Sim, é possível observar certa positividade. Pois, se no ato de cortar os espaços, sente-se a morte da habitabilidade, por outro lado, alude-se a certo renascimento dos edifícios. Ativa-se outra espacialidade, como em **Conical Intersect** (1975), por meio da inserção de vazios cônicos ou da entrada da luz e do ar no espaço, ou do engendramento de articulações e profundidades, como em **Office Baroque** (1977).

Outro aspecto importante no encontro das duas disciplinas na obra de Matta-Clark é a especificidade do lugar. Sobretudo nos trabalhos de maior complexidade e escala, a relação com o lugar/site é imprescindível. Sem dúvida, considera-se a ideia da criação de lugar. As propostas reapresentam criticamente os lugares modificando nossa consciência e experiência com a arquitetura. Matta-Clark seleciona arquiteturas anônimas que, no entanto, representam todos os outros edifícios semelhantes espalhados pelo tecido urbano. Importa, portanto, o local da arquitetura para que se materialize a crítica ao sistema. Seus trabalhos tocam em temas caros: o estatuto social, as falhas do sistema urbano e as implicações econômicas subjacentes ao descaso e ao abandono de certas arquiteturas.

Um quarto princípio fundamental tratado por Matta-Clark é a noção de permanência. A prática dos artistas nega o aspecto definitivo da arquitetura, expondo-lhe a temporalidade. Suas obras nascem em edifícios destinados à demolição, o que pressupõe sua temporalidade e efemeridade desde a origem. Os trabalhos às vezes sobreviveram por meio da imagem fotográfica ou fílmica, mas a tridimensionalidade, que caracteriza o espaço arquitetônico, desaparece num curto espaço de tempo.

As obras de Matta-Clark enfrentam um paradoxo. Elas prescindem da eliminação da funcionalidade e da ideia de desmontar como ato de construção. Para o artista, as intervenções implicam uma fase necessária de intervenção na arquitetura para que esta se torne arte, ou, melhor, para que se converta em estrutura axiomática, artefato simultaneamente arquitetura e não-arquitetura. Contudo, persiste uma ambiguidade quanto a definir onde a intervenção começa e os edifícios terminam. Para Matta-Clark, os edifícios tomam-se parte da intervenção, tanto quanto a própria intervenção.

Assim, é possível considerar que, embora nos processos de Matta-Clark as prerrogativas essenciais da arquitetura tradicional sejam eliminadas, de outro modo suas intervenções enfatizam o espaço arquitetônico e põem em cheque sua própria natureza. As intervenções reconhecem as forças pré-existentes – a luz, os vazios, as possibilidades de novo equilíbrio corporal, etc. – e as trazem à consciência. Assim, há que se reconhecer uma positividade nesse encontro. As intervenções de Matta-Clark fazem com que a arquitetura exceda os limites tradicionais e se compreenda como aquilo que é e não é. Tal como fez a arte, ao aproximar-se da arquitetura na década de 1950.

Agradecimentos

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Vila Velha.
Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.
Grupo de Pesquisa Sistemas Contemporâneos de Projeto (SCP/UVV).

Referências

ATTLEE, James. **Towards Anarchitecture: Gordon Matta-Clark and Le Corbusier**. Disponível em: <<http://www.tate.org.uk/research/publications/tate-papers/07/towards-anarchitecture-gordon-matta-clark-and-le-corbusier>>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

CIDADE, Daniela Mendes. **Os cortes de Gordon Matta-Clark: um ritual de destruição e reconstrução da arquitetura**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

COLOMBINA, Beatriz. **Doble exposición – Arquitectura a través del arte**, Akal / Arte Contemporáneo, n° 17, Madrid, 2006.

FOSTER, Hal; KRAUSS, Rosalind; BOIS, Yve-Alain; BUCHLOH, Benjamin H.D.; JOSELIT, David. **Art Since 1900: modernism, antimodernism, postmodernism**. London: Thames & Hudson, 2016.

_____. **O complexo Arte-Arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2015 [1ª edição 2011].

FRANJNDLICH, Rafael Urano. **Um debate americano: mediação, escultura e arquitetura – sobre a entrevista de Peter Eisenman a Richard Serra em 1983**. ARS (São Paulo), v. 7, p. 50-63, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

IGLESIAS, José Antonio Tallón. **Gordon Matta-Clark a través de Rem Koolhaas**. (Doutorado). Universidad Politécnica de Madrid. Espanha, 2015.

KRAUSS, Rosalind. **A escultura no campo ampliado**. Gávea I, Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil. PUC-Rio, 1984, p. 87-93. [Originalmente publicado sob o título Sculpture in the Expanded Field. October, n° 8, (spring), 1979, p. 31-44].

MADERUELO, Javier. **El espacio raptado - interferências entre Arquitetura y Arte**. Madrid: Biblioteca Mondadori, 1990.

_____. **La idea de espacio en la arquitectura y el arte contemporáneos**. Madrid: Biblioteca Mondadori, 1990.

MONDZAIN, Marie-José. **Imagem, ícone, economia: as fontes bizantinas do imaginário contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2013.

MONTANER, Josep Maria. **As formas do século XX**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.

MORIENTE, David. **Poéticas Arquitetônicas en el Arte Contemporáneo - 1970-2008**. Madrid: Arte Cátedra. 2010.

O'NEIL, Elena. **Ideias-em-forma: intervenções de Gordon Matta-Clark**. Colaborações. Disponível em: https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae17_Elena_O%E2%80%99Neill.pdf. Acesso em: 24 de dezembro de 2018.

RENDELL, Jane. **Art and Architecture: a place between**. London/ New York: I.B.Tauris & Co. Ltd, 2006.

SIMÕES, Diana Margarida Rocha. **Arquiteturas na criação artística moderna e contemporânea**. (Doutorado). Faculdade de Arquitetura de Lisboa, Lisboa, 2018.

SPECTOR, Nancy. Gordon Matta-Clark. **Reality Properties: Fake Estates, Little Alley Block 2497 Lot 42**. Disponível em: <https://www.guggenheim.org/artwork/5210>. Acesso em: 28 de janeiro de 2018.

TONETTI, Ana Carolina. **Interseções entre arte e arquitetura. O caso dos pavilhões**. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

VIDLER, Antoine. **Arquitetura no campo ampliado**. In: SYKES, Krysta (Org.). **O campo ampliado na Arquitetura. Antologia Teórica 1993-2009**. São Paulo: Cosac Naif, 2013, p. 242.

_____. **Warped Space: Art, Architecture, and Anxiety in Modern Culture**. London: The MIT Press, 2001.

WISNIK, Guilherme. **Dentro do nevoeiro: Diálogos cruzados entre arte e arquitetura contemporânea**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (issn 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 31/07/2019

Aprovado em 26/11/2019